

RELAÇÃO ENTRE A COVID-19 E O AUMENTO DOS CASOS DE TRANSTORNO DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

RELATIONSHIP BETWEEN COVID-19 AND THE INCREASE IN CASES OF ANXIETY DISORDER AND DEPRESSION IN THE BRAZILIAN POPULATION

Mariama Sousa Garcia¹
Ingrid Fernandes Borges Bezerra²
Ana Luisa Silvestre Guerra³
Ingrid Vieira Prata⁴
Maria Eduarda Pereira Salles⁵
Ernandes da Silva Filho⁶

RESUMO: **Introdução:** A pandemia de COVID-19 representou um dos maiores desafios sanitários do século XXI, desencadeando uma crise global devido à sua alta taxa de transmissibilidade. Para conter a disseminação do vírus e minimizar os danos à saúde pública, medidas rigorosas foram adotadas, incluindo o distanciamento social que - embora essencial para o controle da pandemia - resultou em impactos significativos na saúde mental da população, contribuindo para o aumento da prevalência de transtornos de ansiedade e depressão. **Objetivos:** Observar a relação entre a pandemia de COVID - 19 e os casos de transtornos de ansiedade e depressão na população brasileira. **Materiais e métodos:** Foi realizada uma busca de evidências em artigos científicos disponibilizados dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Além disso, foram utilizados dados abrangendo todo o território brasileiro no período entre 2019 e 2023, obtidos no site DATASUS na aba de Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS). **Resultados:** Entre 2019 e 2023, houve uma queda acentuada em 2020, ano marcado pela pandemia de COVID-19, o que pode ser explicado pela subnotificação dos casos. O número de internações passou de 59.140 em 2019 para 49.808 em 2020. A partir de 2021, observou-se uma recuperação progressiva, com um pico de 64.752 internações em 2023. A faixa etária de 30 a 49 anos concentrou o maior número de casos ao longo do período, com média de 24.069,4 internações, enquanto a população de 70 a 80 ou mais anos apresentou os menores índices (média de 1.468,4). O impacto da pandemia é evidenciado pela distribuição percentual anual: queda para 18% em 2020 e 2021, e aumento para 23% em 2023. **Conclusão:** Portanto, este estudo analisou os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde física e mental da população, evidenciando que o isolamento social e as mudanças abruptas no estilo de vida aumentaram emoções negativas, transtornos de ansiedade e depressão. Além dos efeitos psicológicos, foram observadas alterações fisiológicas, como

1

¹ Discente da Universidade de Rio Verde – Campus Goiânia.

² Discente da Universidade de Rio Verde – Campus Goiânia.

³ Discente da Universidade de Rio Verde – Campus Goiânia.

⁴ Discente da Universidade de Rio Verde – Campus Goiânia.

⁵ Discente da Universidade de Rio Verde – Campus Goiânia.

⁶ Orientador. Farmacêutico - Mestre e Doutor em Medicina Tropical e Saúde Pública (Imunologia e Parasitologia). Servidor Efetivo - Processo Seletivo 25/1 - Docente da Universidade de Rio Verde - Campus Goiânia.

sedentarismo e mudanças nos hábitos alimentares, agravadas pelo distanciamento. Desse modo, o estudo destaca a importância da psicologia e de outras intervenções terapêuticas, bem como a necessidade de ações conjuntas entre profissionais de saúde e políticas públicas para mitigar os danos e prevenir novos transtornos psicológicos no futuro.

Palavras chaves: Ansiedade. COVID-19. Depressão. Isolamento social.

ABSTRACT: Introduction: The COVID-19 pandemic represented one of the greatest health challenges of the 21st century, triggering a global crisis due to its high transmissibility rate. To contain the spread of the virus and minimize damage to public health, strict measures were adopted, including social distancing which - although essential for controlling the pandemic - resulted in significant impacts on the mental health of the population, contributing to the increase in the prevalence of anxiety disorders and depression. **Objectives:** Observe the relationship between the COVID-19 pandemic and cases of anxiety disorders and depression in the Brazilian population. **Materials and methods:** A search for evidence was carried out in scientific articles made available in the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Virtual Health Library (VHL) and Google Scholar. In addition, data covering the entire Brazilian territory between 2019 and 2023 were obtained from the DATASUS website in the SUS Hospital Morbidity tab (SIH/SUS). **Results:** Between 2019 and 2023, there was a sharp drop in 2020, a year marked by the COVID-19 pandemic, which can be explained by the underreporting of cases. The number of hospitalizations went from 59,140 in 2019 to 49,808 in 2020. From 2021 onwards, a progressive recovery was observed, with a peak of 64,752 hospitalizations in 2023. The age group from 30 to 49 years old concentrated the highest number of cases throughout the period, with an average of 24,069.4 hospitalizations, while the population aged 70 to 80 or over had the lowest rates (average of 1,468.4). The impact of the pandemic is evidenced by the annual percentage distribution: a drop to 18% in 2020 and 2021, and an increase to 23% in 2023. **Conclusion:** Therefore, this study analyzed the impacts of the COVID-19 pandemic on the physical and mental health of the population, showing that social isolation and abrupt changes in lifestyle increased negative emotions, anxiety disorders, and depression. In addition to the psychological effects, physiological changes were observed, such as sedentary lifestyle and changes in eating habits, aggravated by social distancing. Thus, the study highlights the importance of psychology and other therapeutic interventions, as well as the need for joint actions between health professionals and public policies to mitigate damage and prevent new psychological disorders in the future.

Keywords: Anxiety. COVID-19. Depression. Social isolation. Health Personnel.

1. INTRODUÇÃO

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos.^{1,2,3}

A infecção pelo SARS-CoV-2 pode variar de casos sem sintomas e sintomas com manifestações leves, moderadas, graves e críticas. Os sinais e sintomas mais comuns incluem: febre ou calafrios, tosse, fadiga, anorexia, dispneia, mialgia e dor de cabeça. No entanto, outros sintomas não específicos, como dor de garganta, congestão nasal ou coriza, e dor de cabeça, também foram reportados por casos confirmados da doença.^{2,3,4}

Sob esse viés, a pandemia de Covid-19 impôs mudanças radicais na rotina de toda a população mundial, visto que o contato de pessoa para pessoa aumenta o risco de transmissão da doença. Situações como o convívio com amigos, trabalho e atividades de lazer foram diretamente afetadas. Essas transformações foram especialmente difíceis para os seres humanos, já que o desenvolvimento dos indivíduos está profundamente ligado às interações sociais. Nesse contexto, muitas pessoas passaram a sentir medo, ansiedade e solidão, devido ao isolamento decorrente da elevada taxa de transmissão do coronavírus, rápida disseminação, e principalmente, alta letalidade.^{5,6}

Nesse sentido, a preocupação exagerada com a própria saúde, associada ao excesso de vigilância corporal, podem ocasionar sofrimento psíquico. Segundo a teoria cognitiva comportamental - uma das teorias psicológicas -, crenças disfuncionais sobre a própria saúde podem levar a interpretações equivocadas das sensações corporais.^{7,8,9} Essas crenças podem persistir e evoluir para sintomas mais intensos, como, por exemplo, transtornos de ansiedade (TA) e depressão.^{5,9}

3

Dessa maneira, a pandemia trouxe uma nova realidade que impactou significativamente a saúde mental da população, resultando em um aumento expressivo dos casos de TA e depressão.^{5,10} Um evento de grande magnitude, como a Covid-19, gera não apenas distúrbios psicológicos, mas também desafios sociais, comprometendo a capacidade de enfrentamento da sociedade em diferentes níveis de gravidade e disseminação.^{7,10} Logo, embora a TA e a depressão já fossem doenças presentes na vida de muitas pessoas antes da pandemia, ambas podem gerar impactos significativos para aqueles que as enfrentam. Dessa forma, torna-se essencial analisar o índice de indivíduos portadores desses transtornos na população.^{7,10,11}

2. OBJETIVO

Analisar os impactos da pandemia de COVID-19 no aumento dos casos de transtornos de ansiedade e depressão.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura que tem como objetivo realizar uma análise abrangente e interpretativa da produção científica existente sobre: “relação entre a COVID-19 e o aumento dos casos de TA e depressão”.

Para tanto, foi realizada uma busca sistemática, realizada em 31 de março de 2025, nos seguintes bancos de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO, MS, PubMed. Dentro deles, foram retirados artigos das seguintes bases de dados: Organização Pan-Americana de Saúde; Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento; Estudos de Psicologia (Campinas); Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade; Saúde e Sociedade; Revista Brasileira de Enfermagem; Conselho Federal de Psicologia; Fundação Oswaldo Cruz; Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde; Revista Fisioterapia & Terapia Ocupacional; Sociedade Brasileira de Clínica Médica; e Periódicos de Psicologia.

Ademais, foram utilizados como descritores ansiedade, COVID-19, depressão e isolamento social para o levantamento de dados entre os anos de 2019 e 2023. Por fim, foram coletados dados no site DATASUS na aba de Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS), abrangendo todo o território brasileiro, a respeito das internações por transtornos de humor por ano/mês e faixa etária.

O processo metodológico envolveu etapas de busca, identificação, seleção, fichamento e análise crítica dos estudos, seguidas de uma leitura detalhada dos artigos selecionados.

Após a leitura dos artigos, foram incluídos artigos completos, originais, gratuitos, em português e inglês, que respondiam à pergunta norteadora, entre os anos de 2019 e 2023 anos. Já os critérios de exclusão foram, artigos incompletos, pagos, que não respondiam a temática, outros idiomas e fora da linha temporal delimitada.

4. RESULTADOS

Foi realizada uma coleta de dados na plataforma do DATASUS, na aba de Morbidade Hospitalar do SUS (SIH/SUS), com recorte temporal dos anos de 2019 a 2023 e uma delimitação geográfica de todo o território brasileiro.

Em primeira análise, foram obtidos dados a respeito da taxa de internações de transtorno de humor afetivo por ano/mês. Com base nos dados obtidos, é possível observar uma queda

acentuada em 2020, ano fortemente impactado pela pandemia de COVID-19. Nesse período, as internações caíram de 59.140 em 2019 para 49.808 em 2020. A partir de 2021, houve uma recuperação gradual do índice dos casos de internação, com aumento para 50.797 casos. Esse crescimento se intensificou nos anos seguintes, atingindo 57.209 em 2022 e culminando em 64.752 internações em 2023, o maior valor do período analisado.

Em segunda análise, conforme a **Tabela 1**, observa-se que, ao longo do período analisado, todas as faixas etárias apresentaram aumento no número de internações em 2023, especialmente quando comparado aos anos de 2020 e 2021, que registraram os menores valores da série. A faixa etária de 30 a 49 anos foi a que apresentou o maior número absoluto de internações em todos os anos analisados. Em 2023, esse grupo somou 27.658 casos, sendo o valor mais alto registrado na tabela. Por outro lado, a faixa etária de 70 a 80 anos ou mais apresentou o menor número de internações em todos os anos, embora também tenha apresentado crescimento gradual, passando de 1.580 casos em 2019 para 1.695 em 2023.

Tabela 1: Diagnóstico de transtorno de humor afetivo no Brasil segundo a faixa etária.

Faixa etária	Diagnóstico por ano				
	2019	2020	2021	2022	2023
15 a 29	16.164	13.716	14.310	16.463	18.665
30 a 49	25.479	21.375	21.821	24.014	27.658
50 a 69	14.318	12.272	12.035	13.421	14.782
70 a 80+	1.580	1.321	1.229	1.517	1.695

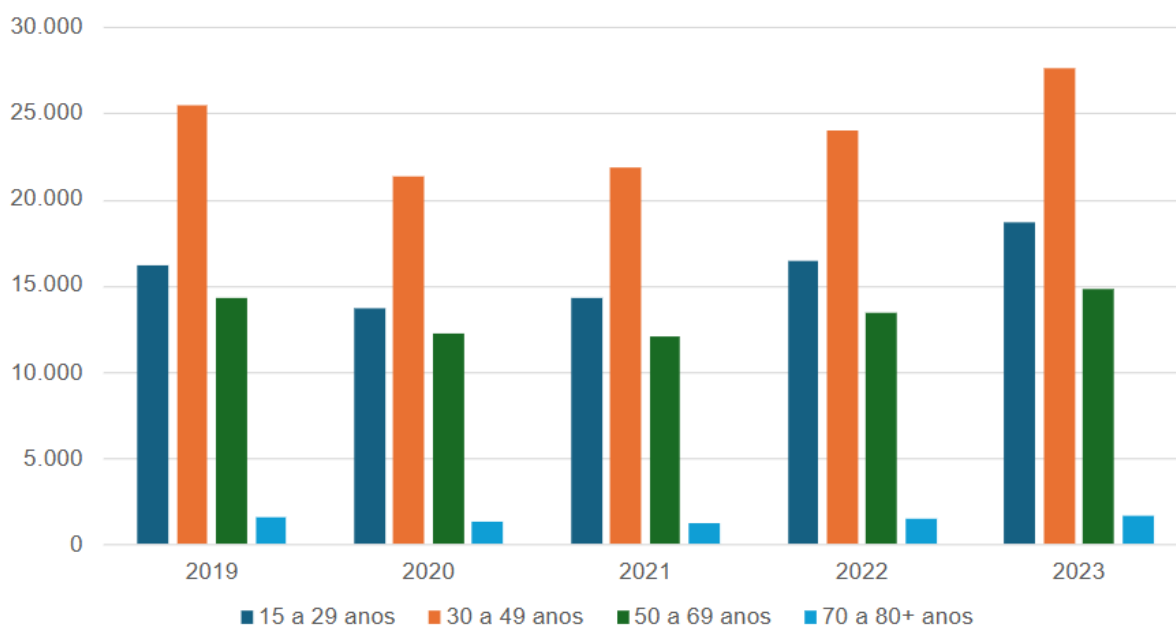
Fonte: autoria própria (2025).

Como pode ser observado na **Figura 1**, a faixa etária de 30 a 49 anos foi a que apresentou o maior número de internações com uma média de 24.069,4 no território brasileiro, no período de janeiro de 2019 a dezembro de 2023. Em contrapartida, a população entre as idades de 70 a 80 ou mais anos, apresentou a menor taxa desse parâmetro com uma média de 1.468,4 casos. Além das médias, o gráfico evidencia uma queda generalizada de internações em 2020. Essa redução é visível em todas as faixas etárias, sendo mais acentuada nas faixas de 30 a 49 anos e 50 a 69 anos.

A partir de 2021, observa-se uma tendência de recuperação gradual, com aumento

consistente no número de internações até 2023, quando todas as faixas etárias atingem seus picos no período analisado. Destaca-se novamente a faixa de 30 a 49 anos, que, além de manter a liderança em número absoluto de internações, apresenta um crescimento contínuo e expressivo após o período mais crítico da pandemia.

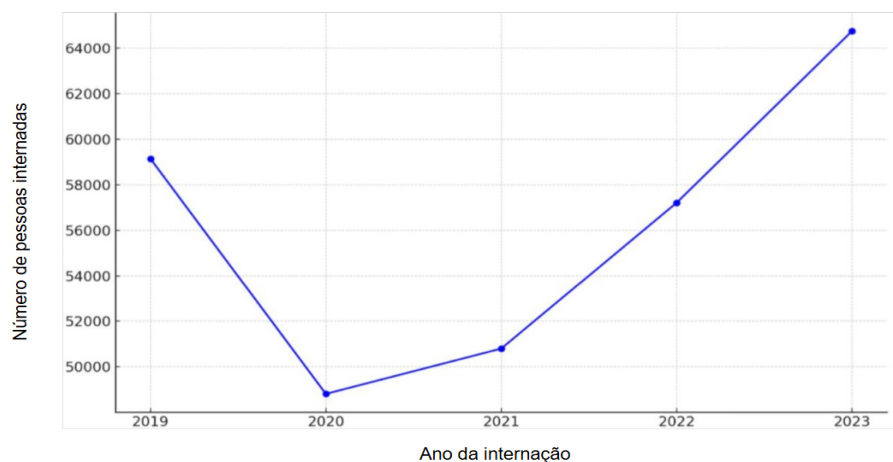
Figura 1: Proporções de internações de transtorno ansiedade e depressão no contexto da pandemia de COVID - 19 (2019 - 2023).



Fonte: autoria própria (2025).

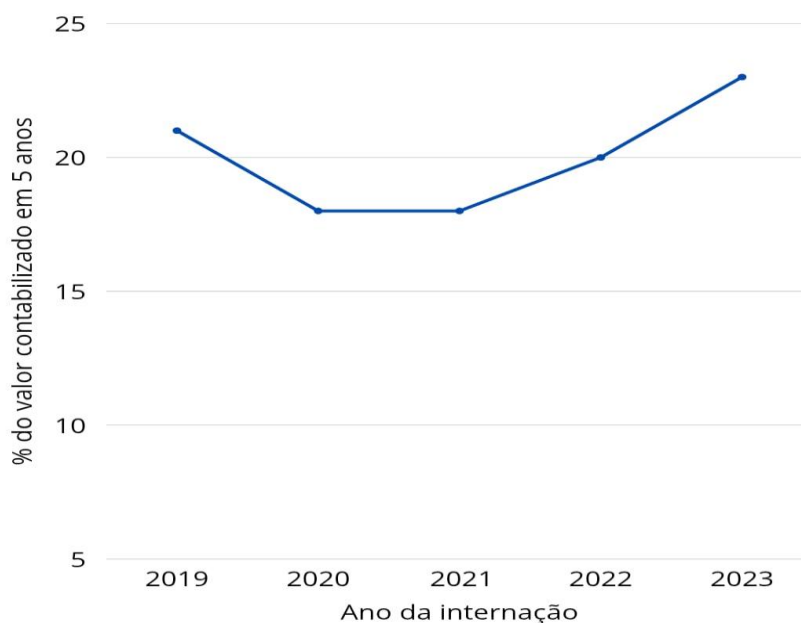
Segundo a análise da **Figura 2**, pode-se observar claramente uma curva em "V", indicando uma queda acentuada nos números em 2020, seguida por um crescimento progressivo nos anos subsequentes. Em 2019, o número de internações foi de aproximadamente 59 mil pessoas. Já em 2020, observa-se o ponto mais baixo da série, com uma redução para cerca de 49 mil internações. A partir de 2021, inicia-se uma trajetória de recuperação gradual, com os números voltando a subir: cerca de 51 mil internações em 2021, seguidas por 57 mil em 2022 e atingindo o pico de mais de 64 mil internações em 2023.

Figura 2: Impacto da pandemia de COVID – 19 no índice de internações de transtorno de ansiedade e depressão entre os anos de 2019 a 2023



Fonte: autoria própria (2025).

Conforme a **Figura 3**, em 2019 o índice representava 21% do total das internações contabilizadas em 5 anos. Em 2020, observa-se uma queda para 18%, patamar que se mantém também em 2021. Em 2022, há uma leve recuperação, com o índice subindo para 20%, seguido de um o pico da série com 23% em 2023, o maior percentual registrado no período.



Fonte: autoria própria (2025).

5. DISCUSSÃO

5.1. Conceito

O TA caracteriza-se por ansiedade e preocupação excessivas em relação a diversas atividades ou eventos que estão presentes na maioria dos dias por pelo menos 6 meses. A causa é desconhecida, embora comumente coexista em pessoas com transtorno por uso de álcool, depressão maior ou transtorno de pânico. Pessoas com TA têm múltiplas preocupações, que muitas vezes mudam ao longo do tempo. Preocupações comuns incluem responsabilidades no trabalho e com a família, dinheiro, saúde, segurança, reparos no carro e pequenas tarefas. No TA, o foco é não uma única preocupação. Assim, o curso da doença é geralmente flutuante e crônico. Muitos pacientes com TA têm um ou mais transtornos psiquiátricos comórbidos, incluindo depressão maior.¹²

Por outro lado, a depressão é uma doença psiquiátrica que produz mudanças no humor e provoca nos pacientes uma tristeza profunda, sem fim, com sentimentos de dor, amargura, desencanto, desesperança, baixa autoestima, culpa e, também, distúrbios do sono e do apetite. É uma tristeza diferente daquela que se sente quando ocorrem acontecimentos difíceis e desagradáveis, mas que aparecem na vida de todas as pessoas, como a morte de um ente querido ou isolamento social.¹³

8

Nesse sentido, a depressão é uma doença que traz grande sofrimento ao indivíduo, envolvendo problemas no trabalho, no meio familiar e na comunidade, bem como aumento do risco de suicídio.¹³

5.2. Etiologia

A etiologia dos TA e depressão é multifatorial, envolvendo uma complexa interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais.

I. Fatores biológicos: estudos indicam que fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais contribuem para a gênese dessas condições. Alterações nos sistemas neurotransmissores, como serotonina, dopamina e noradrenalina, estão associadas ao desenvolvimento de TA e depressão. Além disso, fatores ambientais, como estresse e dieta materna durante a gravidez, podem influenciar o risco de desenvolvimento desses transtornos.⁹

II. Fatores psicológicos: experiências de estresse, características de personalidade e eventos de vida significativos, como perda de entes queridos ou rompimentos, estão frequentemente associados ao desenvolvimento ou agravamento de manifestações depressivas. O suporte social e as habilidades sociais também desempenham um papel crucial, atuando como fatores de proteção contra esses transtornos.¹⁰

III. Fatores sociais: condições socioeconômicas, como pobreza e desemprego, aumentam o risco de depressão. Além disso, fatores sociais, familiares e profissionais, incluindo deficiências financeiras e conflitos interpessoais, estão associados ao TA.¹⁴

5.3. Fisiopatologia

Primeiramente, os mecanismos fisiopatológicos do TA resultam de uma interação complexa entre fatores neurobiológicos, genéticos e ambientais. Pesquisas evidenciam uma hiperatividade do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA), o que desencadeia uma elevação na liberação de cortisol, o hormônio do estresse. Esse excesso pode interferir no sistema nervoso central (SNC), afetando áreas como a amígdala, o hipocampo e o córtex pré-frontal, estruturas responsáveis pela regulação emocional e o processamento do medo.¹⁵

Ademais, observa-se também um desbalanço de neurotransmissores, especialmente a serotonina, noradrenalina e ácido gama-aminobutírico (GABA). A serotonina - que desempenha um importante papel na regulação do humor e da ansiedade - apresenta níveis reduzidos em pacientes com TA. Já a disfunção do sistema noradrenérgico também é um fator que contribui para a hipervigilância e a resposta exacerbada ao estresse. Quanto ao sistema GABA, que atua na modulação da atividade neuronal e promoção de efeitos inibitórios, apresenta menor eficiência, favorecendo um estado de hiperexcitabilidade cerebral.¹⁵

A predisposição genética também é um fator importante no desenvolvimento de TA. Estudos sugerem que indivíduos com histórico familiar da condição apresentam maior risco de desenvolvê-la. Além disso, fatores ambientais, como experiências traumáticas na infância e eventos estressantes ao longo da vida, podem contribuir para a manifestação do transtorno.¹⁵

Por fim, observa-se que o impacto da ansiedade na saúde é significativo, podendo levar a complicações como depressão, abuso de substâncias, TA e prejuízos no funcionamento social e ocupacional. Portanto, compreender sua fisiopatologia é essencial para o desenvolvimento de

abordagens terapêuticas mais eficazes, incluindo intervenções farmacológicas e psicológicas voltadas para a regulação do sistema nervoso e o manejo do estresse.¹⁵

Em relação à depressão, ela é uma doença multifatorial que envolve diversas alterações neurobiológicas. Os principais mecanismos fisiopatológicos incluem a disfunção dos sistemas monoaminérgico, neuroendócrino, neuroinflamatório e de neuroplasticidade.¹⁶

A hipótese monoaminérgica postula que a depressão está relacionada à deficiência na neurotransmissão de serotonina (5-HT), noradrenalina (NA) e dopamina (DA). Essa ideia surgiu após a observação de que fármacos que esgotavam as reservas de monoaminas induziram sintomas depressivos, enquanto os inibidores da monoamina oxidase (IMAO) e os antidepressivos tricíclicos, que aumentam a disponibilidade dessas monoaminas, apresentaram efeito antidepressivo. Estudos mostram que pacientes deprimidos apresentam redução na densidade de receptores serotoninérgicos e noradrenérgicos, bem como aumento da atividade da MAO, a enzima responsável pela degradação dessas monoaminas. Apesar do envolvimento das monoaminas, a resposta terapêutica aos antidepressivos leva semanas para ocorrer, sugerindo que mecanismos adicionais, como a plasticidade neuronal, estejam implicados.¹⁶

Outro fator importante na fisiopatologia da depressão é a hiperatividade do eixo HHA, que desempenha um papel crucial na resposta ao estresse. Em muitos pacientes deprimidos, observa-se uma desregulação desse eixo, levando a níveis elevados de cortisol (hipercortisolemia) e resistência ao feedback negativo dos glicocorticoides. Essa alteração pode resultar em neurotoxicidade, especialmente no hipocampo, contribuindo para déficits cognitivos e maior vulnerabilidade ao estresse. Além disso, a liberação excessiva do hormônio liberador de corticotropina (CRH) tem sido associada a sintomas depressivos, como anedonia e ansiedade.¹⁶

A neuroinflamação também tem sido amplamente estudada na depressão. Pacientes deprimidos frequentemente apresentam níveis aumentados de citocinas pró-inflamatórias, como IL-6 e TNF- α , que podem afetar a neurotransmissão monoaminérgica e promover neurodegeneração. O estresse crônico, por sua vez, pode comprometer a neurogênese hipocampal, um fenômeno que está diretamente relacionado ao efeito terapêutico dos antidepressivos.¹⁶

Além dessas alterações neuroquímicas e hormonais, a depressão também está associada a modificações estruturais e funcionais no cérebro. Estudos de neuroimagem e neuropatologia

demonstram que há uma redução do volume do hipocampo, possivelmente devido à neurotoxicidade induzida pelo estresse e à diminuição da neurogênese. A amígdala, que está envolvida na regulação das emoções, apresenta aumento da atividade nos estágios iniciais da depressão, mas pode sofrer redução em fases mais crônicas. Já o córtex pré-frontal e o cíngulo anterior apresentam hipoatividade, resultando em déficits na regulação emocional e na tomada de decisões. O estriado ventral, parte do sistema de recompensa, também apresenta disfunção, o que explica a anedonia frequentemente observada em pacientes depressivos.¹⁶

Outro mecanismo crucial é a alteração na neuroplasticidade, que afeta a capacidade do cérebro de se adaptar a novos estímulos e modificar suas conexões neurais. Os antidepressivos modulam vias intracelulares de segundos mensageiros, como a cascata do AMPc e do fator neurotrófico derivado do cérebro (BDNF), promovendo a sobrevivência neuronal e o remodelamento sináptico. A diminuição dos níveis de BDNF no hipocampo está associada à depressão, enquanto sua elevação é um dos efeitos positivos do tratamento antidepressivo.¹⁶

A depressão, portanto, é um transtorno complexo que envolve múltiplos sistemas biológicos. Embora a hipótese monoaminérgica tenha sido fundamental para o desenvolvimento de tratamentos, sabe-se hoje que fatores como a disfunção do eixo HHA, a neuroinflamação e a plasticidade neuronal desempenham papéis essenciais. A compreensão desses mecanismos permite o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas, visando um tratamento mais eficaz para essa condição debilitante.¹⁶

5.4. Correlação entre a pandemia de covid-19, ta e depressão

De acordo com os resultados desta pesquisa, foi possível analisar as repercussões da pandemia da COVID-19 na saúde mental em todo o território brasileiro, com destaque para a depressão e TA. Essa crise mundial trouxe grandes impactos não só para as esferas profissionais, da economia e serviços, mas também deixou marcas na saúde mental da população que perdurou mesmo após o encerramento dessa pandemia.^{17,18,19} Isso é reforçado pelo fato de os níveis elevados de ansiedade e depressão estudados, contribuírem para geração de sequelas psicológicas, mesmo após o término da etapa mais aguda da crise, considerando-se a necessidade de desenvolver estratégias de apoio psicológico para a sociedade nesse período pós-pandemia.^{20,21}

A falta de informações sobre esse novo vírus, o isolamento social, medo de se infectar, sofrimento e morte de entes queridos, sentimento de desamparo, mudança brusca de rotina,

privação de contato, são fatores que contribuíram para o desenvolvimento e agravamento da TA e depressão.^{17,18,21} Todos esses estressores, em especial o distanciamento social e quarentena profilática - que foi provado ser uma das medidas mais eficazes no combate à transmissão do vírus SARS-CoV-2 - gerou repercussões psicossociais diretas e indiretas durante e após essa crise, o que provavelmente aumentou os sintomas de TA na população.^{20,21,22,23} Portanto, é de extrema importância que este assunto seja abordado na sociedade, pois uma boa qualidade de vida e bem-estar no dia a dia é essencial para manter a TA e depressão sob controle.

De acordo com os dados obtidos nesta pesquisa, entre 2019 e 2020 verificou-se um declínio nos números de internações por TA e depressão que persistiu no ano de 2021, o que pode estar diretamente relacionado aos efeitos iniciais da pandemia, que limitou o acesso aos serviços de saúde e, conseqüentemente, reduziu os registros formais de internações durante os anos mais críticos dessa emergência sanitária.²⁴ Já entre 2022 e 2023, notou-se um grande aumento desses números, sinalizando o retorno gradual da procura por atendimento e das internações por transtornos mentais após a flexibilização das medidas de isolamento e a retomada dos serviços de saúde, refletindo o retorno da população à busca por atendimento especializado.²⁵ Esse crescimento pode ser atribuído tanto à retomada total dos serviços de saúde quanto a um possível aumento da incidência ou agravamento dos casos de ansiedade e depressão no pós-pandemia.^{20,25}

12

Foi possível observar também que a faixa etária de 30 a 49 anos, seguida da de 15 a 29 anos, foram as populações que mais apresentaram crescimento expressivo de internações no período pós-pandemia. Isto pode ser explicado pelo fato de que a sociedade estava extremamente abalada pelo medo, pelas expectativas negativas de futuro, pelas interrupções das rotinas diárias, pelas incertezas, pela falta de contato presencial de amigos e parentes, pela necessidade de home office e pela necessidade abrupta de adaptação a um "novo normal" totalmente imprevisível cujo acontecimento nenhuma mente humana poderia prever.^{5,23}

Ademais, constatou-se que os adultos e adultos jovens apresentaram maior prevalência de sintomas negativos no âmbito da saúde mental no decorrer da pandemia, frente aos participantes nas idades mais avançadas. 'Sentir-se sempre triste' é quase o triplo e 'sentir-se sempre ansioso' é quase o quádruplo nesse segmento etário, em comparação aos mais idosos.^{17,26} Também entre os mais jovens, foi mais frequente o início de problemas de sono durante a pandemia ou o agravamento desses problemas quando preexistentes.^{17,26} Além disso, a

população jovem, especialmente na faixa entre 18 e 24 anos, tem uma probabilidade cinco vezes maior de relatar queixas de saúde mental em comparação com a geração de seus avós.²⁷

6. CONCLUSÃO

Portanto, este estudo permitiu organizar e compreender melhor os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde física e mental da população, destacando a relevância da psicologia e de outras intervenções terapêuticas. Observou-se que o isolamento social e as mudanças abruptas no estilo de vida impostas pela pandemia desencadearam profundas alterações na rotina das pessoas, contribuindo para o aumento de emoções negativas e transtornos psicológicos, como a ansiedade e depressão. Esses efeitos são potencializados por diversos fatores, principalmente os de ordem social, que exercem grande influência na saúde mental, levando ao crescimento do sofrimento psíquico e emocional na população.

Além disso, notou-se que o impacto da pandemia não se restringe ao âmbito psicológico, mas também provoca alterações fisiológicas, incluindo mudanças nos hábitos alimentares, sedentarismo e alterações no sistema imunológico - fatores impostos, principalmente, pelo isolamento social.

Dessa forma, ficou evidente que o isolamento social e as mudanças abruptas no cotidiano não apenas favorecem o surgimento de novas psicopatologias, mas também amplificam um cenário de ansiedade já presente na sociedade moderna. Isso reforça a necessidade de uma atenção especial à saúde mental das pessoas mais vulneráveis, uma vez que a experiência prolongada do isolamento pode agravar ou desencadear transtornos psicológicos.

13

REFERÊNCIAS

1. Kicomoto NM, Campos NF, Campiolo EL. O viajante como agente ativo na transmissibilidade do SARS-CoV-2: uma revisão sistemática. *Rev Soc Bras Clin Med.* 2020;18(4):231-6. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/03/1361666/231-236.pdf>.
2. Brasil. Ministério da Saúde. COVID-19. Brasília: Ministério da Saúde; [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/covid-19>.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde mental e a pandemia de COVID-19 [Internet]. 2021 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>.

4. Oliveira MS, Matos AR, Siqueira MM. Conhecendo o Sars-CoV-2 e a Covid-19. In: Buss PM, Fonseca LE, organizadores. *Diplomacia da saúde e Covid-19: reflexões a meio caminho*. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19 Fiocruz; Editora Fiocruz; 2020. p. 69–82. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/hdyfg/pdf/buss-9786557080290-07.pdf>.
5. Lipp MEN, Lipp LMN. O impacto da pandemia da COVID-19 no nível de stress, saúde mental e valores do ser humano. *Bol Acad Paul Psicol*. 2022;42(103):122–42. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2022000200124.
6. Nabuco G, Oliveira MHPP, Afonso MPD. O impacto da pandemia pela COVID-19 na saúde mental: qual é o papel da Atenção Primária à Saúde? *Rev Bras Med Fam Comunidade*. 2020 set 18 [citado 2025 mar 31];15(42):2532. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2532>.
7. Rodrigues FF, Feltens A, Trevisan KRR, Alves RB, Kohler TF. Impactos à saúde mental e intervenções possíveis frente à COVID-19: uma revisão sistemática da literatura. *Estud Psicol (Natal)*. 2021;26(4):607–18. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2021000400002.
8. Machado DB, Teixeira CSS, Rocha AS, Alves FJO. COVID-19 e saúde mental: potenciais impactos e estratégias de atenção psicossocial. In: Barreto ML, Pinto Junior EP, Aragão E, Barral-Netto M, organizadores. *Construção de conhecimento no curso da pandemia de COVID-19: aspectos biomédicos, clínico-assistenciais, epidemiológicos e sociais*. Salvador: EDUFBA; 2020. v. 2. p. 1–29. [citado 2025 mar 31]. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32942/10/vol2_cap10_COVID-19%20e%20a%20sa%C3%BAde%20mental.pdf.
9. Freitas-Silva LR, Ortega F. A determinação biológica dos transtornos mentais: uma discussão a partir de teses neurocientíficas recentes. *Cadernos De Saúde Pública [Internet]*. 2016;32(8). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/q4VVKLmFLvskqF6sHBFshhw/?lang=pt#>.
10. Feitosa FB. A depressão pela perspectiva biopsicossocial e a função protetora das habilidades sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2014 Jun;34(2):488–99. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vsktmfnpFVXgG7pctbZvvNh/?lang=pt>.
11. Anselmo JGT, Seabra CAM, Silva BED, Feitosa ANA. O aumento da incidência de ansiedade e depressão em consequência da pandemia de COVID-19. *Rev Interdiscip Saúde*. 2024;11(único):19–30. Disponível em: https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_32/Trabalho_02_2024.pdf.
12. Barnhill JW. Transtorno de ansiedade generalizada. *MSD Manuals*. 2023 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/ansiedade-e-transtornos-relacionados-a-estressores/transtorno-de-ansiedade-generalizado>.

13. Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Depressão. 2024. Brasília: Ministério da Saúde; [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/depressao-4/>.
14. Fernandes MA, Ribeiro HKP, Santos JDM, Monteiro CFS, Costa RS, Soares RFS. Prevalência dos transtornos de ansiedade como causa de afastamento de trabalhadores. *Rev Bras Enferm.* 2018;71(suppl 5). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/BJjn3CpqWBMPky8GNNGBCBS/?lang=pt>.
15. D'Ávila LI, Rocha FC, Rios BRM, Pereira SGS, Piris AP. Processo patológico do transtorno de ansiedade segundo a literatura digital disponível em português – revisão integrativa [Internet]. *Rev Psicol Saúde.* 2020 [citado 2025 mar 31];12(2):155-168. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v12n2/v12n2a11.pdf>.
16. Lage JT. Neurobiologia da depressão. Porto: Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; 2010 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53466/2/Neurobiologia%20da%20Depresso.pdf>.
17. Como a pandemia de COVID-19 afetou a saúde mental dos brasileiros [Internet]. National Geographic Brasil. 2022 out 12 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2022/10/como-a-pandemia-de-covid-19-afetou-a-saude-mental-dos-brasileiro>.
18. Fundação Oswaldo Cruz. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia [Internet]. Brasília: Fiocruz; 2020 abr 19 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/>.
19. Martins CK de A, Silva CD da, Araújo JS de, Silva ATP da. Ansiedade e suas complicações após a pandemia de COVID-19. *RSD [Internet]*. 2023 nov 11 [citado 2025 mar 31];12(12):e36121243834. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/43834>.
20. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo [Internet]. 2022 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>.
21. Oliveira EBL, Gomes DMP, Marques FR, Medeiros GC, Sousa GA, Braga IPC et al. Aumento dos casos de ansiedade pós-pandemia da COVID-19 no Brasil [Internet]. *Qualis B2. Revista ft.* 2024 [citado 2025 abr 13]. Disponível em: <https://revistaft.com.br/aumento-dos-casos-de-ansiedade-pos-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>.
22. Bezerra CB, Saintrain MVL, Braga DRA, Santos FS, Lima AOP, Brito EHS et. al. Impacto psicossocial do isolamento durante a pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal preliminar [Internet]. *Saúde e Sociedade.* 2020;29(4) [citado 2025 mar 31].

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/mMrwMQpYb3G8GyJ8zbRJPgv/?lang=pt>.

23. Molano S. Depressão e ansiedade entre jovens dobraram durante a pandemia, revela pesquisa [Internet]. CNN Brasil. 2021 ago 12 [citado 2025 abr 13]. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/depressao-e-ansiedade-entre-jovens-dobraram-durante-a-pandemia-revela-pesquisa/>.

24. Carvalho CN, Fortes S, Castro APB, Cortez-Escalante J, Rocha TAH. A pandemia de COVID-19 e a morbidade hospitalar por transtorno mental e comportamental no Brasil: uma análise de série temporal interrompida. *Epidemiol Serv Saúde*. 2023;32(1):e2022547. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2023.v32n1/e2022547/pt/>.

25. Faro A, Bahiano M de A, Nakano T de C, Reis C, Silva BFP da, Vitti LS. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *SciELO Preprints*. 2020 [citado 2025 mar 31]. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/146>.

26. Barros MB de A, Lima MG, Malta DC, Szwarcwald CL, Azevedo RCS de, Romero D, et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [Internet]. 2020;29(4). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/nFWPcDjfNcLD84Qx7Hf5ynq/?format=pdf&lang=p>.

27. Lacerda P. Jovens são mais afetados pelos efeitos da pandemia [Internet]. Agência Brasil. 2023 mar 8 [citado 2025 abr 13]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-03/jovens-sao-mais-afetados-pelos-efeitos-da-pandemia>.